

Cooperação Sul-Sul Em Tempos de Crise Econômica Global

por Michelle Morais de Sá e Silva, Teachers College, Columbia University

Para a cooperação Sul-Sul, o atual momento de queda da atividade econômica global é de grandes inquietudes. A Cooperação Sul-Sul, nasceu com o Movimento dos Países Não-Alinhados. Ela passou por um período latente, mas voltou a emergir na década de 1990 e início da década de 2000. O ímpeto foi ganho quando um punhado de países de renda média como Brasil, Índia, México e África do Sul se determinaram a melhorar a sua posição como atores globais. Eles tinham desenvolvido alguns relativamente bem sucedidos programas sociais, que procuraram compartilhar com outros países em desenvolvimento. Considerando que a cooperação Norte-Sul tinha convencional acabou por ser de eficácia limitada, a cooperação Sul-Sul ganhou mais impulso.

Conforme os países do Sul comecem a enfrentar o efeito de dominó da crise financeira e econômica do Norte, pode-se justificadamente perguntar: o que acontecerá com a cooperação Sul-Sul? Será que vai ser colocada em segundo plano? Será que se tornará mais vigorosa? Este One Pager discute alguns cenários e argumenta ser provável que o próprio princípio da aprendizagem Sul-Sul vá sobreviver.

Um dos cenários possíveis é o da fatalidade. Conforme as economias encolham e os custos tenham de ser cortados, é muito provável que os países desenvolvidos reduzam a sua assistência oficial ao desenvolvimento (AOD¹). Por exemplo, o Japão, a Finlândia, Suécia e Noruega reduziram significativamente sua AOD imediatamente após as suas economias enfrentarem turbulência no início da década de 1990. A Noruega cortou sua AOD em 10 por cento, a Suécia em 17 por cento e a Finlândia em 62 por cento (ver Roodam, 2008).

Porque é que a cooperação Sul-Sul sofreria das quedas na AOD? Não é a cooperação entre os países do Sul? Em teoria, sim. Na prática, os projetos de cooperação Sul-Sul têm sido cada vez mais financiados pelas assim chamadas iniciativas de triangulação. Sob a triangulação, um país desenvolvido financia projetos de cooperação entre dois ou mais países em desenvolvimento. O Japão, por exemplo, tem estado à frente no mundo desenvolvido no financiamento da triangulação. Outro exemplo é o apoio do Reino Unido a um programa de cooperação no domínio do desenvolvimento social entre e os países africanos e latino-americanos.

A distribuição da ajuda oficial ao desenvolvimento entre os diferentes setores também podem mudar. A AOD ira para atenuar os danos causados às economias como resultado de uma diminuição do consumo no Norte. Os setores sociais estarão muito provavelmente no final da lista de prioridades. Os recursos alocados para a triangulação pelos países desenvolvidos também são suscetíveis de ser reduzidos.

As variáveis políticas também entrarão na análise de cenários futuros. A revitalização de iniciativas de integração regional, tais como o Mercado Comum do Sul (Mercosul), bem como a criação de novas, como a União Sul-Americana de Nações (Unasul), é uma indicação de compromisso em continuar a cooperação. Muitos países da América Latina, no entanto, estarão frente a eleições presidenciais no futuro próximo. Será o destino da cooperação Sul-Sul determinado por conveniências políticas? Por um lado, por exemplo, o atual governo do Brasil tem expandido enormemente iniciativas da cooperação Sul-Sul para a África e a América Latina, em particular nos domínios da proteção social, de HIV/AIDS e da agricultura. Outros partidos políticos poderão ter as suas próprias motivações para promover a cooperação Sul-Sul, como ganhar influência internacional e legitimar as suas próprias políticas em casa. Assim, na hipótese de re-orientação política, os esforços da cooperação Sul-Sul podem muito bem sobreviver.

Existe outra razão para esperança. O Chile e o Uruguai, no caso, são exemplos de países que não têm sido afetados pela crise, na mesma medida que os seus vizinhos, o Brasil e a Argentina. De acordo com os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre o crescimento real do PIB, em 2008, as economias brasileira e argentina cresceram 6,5 e 5,2 pontos percentuais, respectivamente, mas é provável que esse crescimento deva diminuir para 3,6 e 3,5 por cento em 2009. O Chile e o Uruguai não vão perder mais de 1 ponto percentual no crescimento econômico neste ano. Estes países poderão eventualmente reforçar o seu envolvimento na cooperação Sul-Sul.

Outra possibilidade é que mesmo aqueles países que foram atingidos pela crise podem arquitetar algumas soluções criativas para partilhar com os seus pares. Por exemplo, os últimos números do governo indicam que só em dezembro de 2008 o Brasil perdeu 654.000 empregos. No Brasil, programas sociais criativos como o Bolsa Família e a iniciativa nacional para HIV/AIDS indicam o capital humano acumulado e a capacidade institucional do país. A atual crise pode abrir caminho a novas soluções, que posteriormente poderiam ser partilhadas com outros países do Sul.

Independentemente do cenário que prevaleça, o que conta é que os países em desenvolvimento aprenderam que podem recorrer uns aos outros para assistência e aprendizagem mútua. Isso não pode ser apagado pela atual crise. Em todo caso, vai ser reforçada, uma vez que as nações industrializadas vão estar muito ocupadas em solucionar os próprios problemas e os países em desenvolvimento podem ser deixados por sua própria conta. Se isso é verdade, a cooperação Sul-Sul veio para ficar.

Nota:

AOD é o acrônimo brasileiro para "assistência oficial para o desenvolvimento", equivale a APD o acrônimo usual em Portugal e nos PALOP, para "ajuda pública ao desenvolvimento".

Referências:

FMI[IMF] (2009). World Economic Outlook (October 2008). Sítio do IMF, <<http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>>.

Roodam, D. (2008). 'History says Financial Crisis Will Suppress Aid'. Centre for Global Development Website, <http://blogs.cgdev.org/globaldevelopment/2008/10/history_says_financial_crisis.php>.